

**O AGRONEGÓCIO  
BRASILEIRO NO  
COMÉRCIO  
INTERNACIONAL:  
VULNERABILIDADE,  
RETROCESSO,  
OPORTUNIDADE  
PERDIDA OU SITUAÇÃO  
ÓTIMA? UMA ANÁLISE  
DOS TRIÊNIOS (2007-  
2009 e 2017-2019)**

*Brazilian agribusiness in international trade: vulnerability, retreat, missed opportunities or optimum situation? An analysis of the triennials (2007-2009 and 2017-2019)*

DOI: 10.48075/igepec.v26i2.28426

Gabriela Daiana Christ  
Alzira de Oliveira  
Leonardo Bresolin Galafassi  
Daniel Arruda Coronel

# **O AGRONEGÓCIO BRASILEIRO NO COMÉRCIO INTERNACIONAL: VULNERABILIDADE, RETROCESSO, OPORTUNIDADE PERDIDA OU SITUAÇÃO ÓTIMA? UMA ANÁLISE DOS TRIÊNIOS (2007-2009 e 2017-2019)**

*Brazilian agribusiness in international trade: vulnerability, retreat, missed opportunities or optimum situation? An analysis of the triennials (2007-2009 and 2017-2019)*

Gabriela Daiana Christ  
Alzira de Oliveira  
Leonardo Bresolin Galafassi  
Daniel Arruda Coronel

**Resumo:** O agronegócio tem um papel estratégico para a economia brasileira, contribuindo, entre outros fatores, com a geração de divisas. O objetivo deste trabalho é analisar a inserção do agronegócio brasileiro no comércio internacional para verificar o posicionamento geral do país e dos produtos exportados, abrangendo os triênios 2007-2009 e 2017-2019. O desempenho é avaliado por meio da participação do país e de seus produtos nas importações mundiais, considerando a metodologia proposta por Fajnzylber (1991), que classifica os produtos conforme o posicionamento (favorável ou desfavorável) e a eficiência ao longo do período, e, com isso, tem-se a inserção. Os resultados mostram que, apesar de perder competitividade, comparando com outros períodos, o agronegócio brasileiro tem um posicionamento positivo, pois parte significativa dos produtos (38,05%) de sua pauta de exportações se encontra em situação ótima

**Palavras-chave** Comércio Exterior. Agronegócio. Exportação. Competitividade.

**Abstract:** *The agribusiness is relevant to the Brazilian economy, contributing, among other factors, to the generation of foreign exchange. The objective of this work is to analyze the insertion of Brazilian agribusiness in the international trade, seeking to verify the general positioning of the country and the exported products, considering the 2005-2007 and 2015-2017 triennia. The performance is assessed through the participation of the country and its products in world imports, considering the methodology proposed by Fajnzylber (1991), which classify the products according the positioning (favorable or unfavorable) and efficiency, and with that we have the insertion. The results show that despite losing competitiveness compared to other periods, Brazilian agribusiness has a positive position, since a significant part of the products (38.05%) of its export basket is in an optimum situation.*

**Keywords:** *International trade. Agribusiness. Export. Competitiveness.*

**Resumen:** *El agronegocio es relevante para la economía brasileña, contribuyendo, entre otros factores, a la generación de divisas. El objetivo de este trabajo es analizar la inserción de lo agronegocio brasileño en el comercio internacional buscando verificar la posición general del país y de los productos exportados, considerando los trienios 2007-2009 y 2017-2019. El desempeño se evalúa a través de la participación del país y sus productos en las importaciones mundiales, considerando la metodología propuesta por Fajnzylber (1991), que clasifica los productos según el posicionamiento (favorable o desfavorable) y la eficiencia, y con esto se tiene la inserción. Los resultados muestran que, a pesar de perder competitividad frente a otros períodos, el agronegocio brasileño tiene una posición positiva, ya que una parte significativa de los productos (38,05%) de su pauta exportadora se encuentra en una situación óptima.*

**Palabras clave:** *Comercio Exterior. Agroindustria. Exportación. Competitividad.*

## INTRODUÇÃO

Estabelecida em 2015 pela Organização das Nações Unidas (ONU) e firmada por 193 Estados-Membros, a Agenda 2030, também conhecida como os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), estabelece que, “o comércio internacional é um motor para o crescimento econômico, inclusive a redução da pobreza, e contribui para a promoção do desenvolvimento sustentável” (ONU, 2015, p. 29).

Nesse contexto, notadamente o agronegócio representa um importante setor na conjuntura econômica brasileira e permite que o país responda de forma positiva às sucessivas crises financeiras observadas nas últimas décadas. Em função dos altos preços das commodities agrícolas, o agronegócio brasileiro tem crescido rapidamente nos últimos anos, com base no aumento da produtividade e da expansão e consolidação de fronteiras agrícolas. No entanto, o crescimento permanece prejudicado por debilidades estruturais, quais sejam: infraestrutura fraca, sistema fiscal e procedimentos administrativos onerosos, pouco envolvimento no comércio internacional, baixos níveis de educação, entre outros desafios (BRANDÃO; CONCEIÇÃO, 2019; BRANDÃO; VIEIRA FILHO, 2020; VIEIRA; LUNAS, 2020).

Embora o mercado interno absorva a maior parte da produção, este crescimento foi impulsionado principalmente pela demanda internacional dos produtos agropecuários, especialmente a soja, o açúcar e as carnes de aves. Em 2015, a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico – Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (OECD-FAO, Agricultural Outlook, 2015), destacou que o Brasil seria, dentre todos os países do mundo, o maior exportador agrícola em 2024.

Considerando as cadeias globais de valor, o Brasil tem uma tendência de se isolar em comparação ao resto do mundo, fato motivado principalmente pela falta de inovação, agregação de valor aos produtos e demais barreiras inerentes às atividades comerciais no país, como empecilhos econômicos, fiscais, aduaneiros etc. (AMORIM et al., 2019).

Frente à importância atribuída ao agronegócio, tanto em âmbito nacional quanto internacional, surge a necessidade de entender e responder à pergunta que orienta este estudo: Como o agronegócio brasileiro está inserido no comércio internacional? A fim de responder à pergunta, o objetivo do trabalho é classificar os 418 produtos agrícolas disponibilizados no banco de dados da Food and Agriculture Organization of the United Nations (FAOSTAT), por meio da metodologia proposta pelos economistas Fernando Fajnzylber e Ousmène Mandeng, considerando os triênios 2007-2009 e 2017-2019.

Esta pesquisa se justifica no sentido de adotar uma classificação para a inserção dos produtos agrícolas brasileiros frente ao mercado internacional, bem como compreender sua dinâmica. Além de servir para a tomada de decisão e apoio ao desenvolvimento de estratégias para o setor nos próximos anos, o estudo se torna relevante para entender o desempenho dos produtos brasileiros no comércio internacional, com especial atenção ao comportamento dos consumidores (importadores).

O artigo está estruturado em cinco seções. A primeira (1) introduz o leitor ao tema. A segunda (2) aborda a revisão da literatura sobre o comércio internacional e o agronegócio brasileiro. A terceira (3) apresenta a metodologia. A quarta (4) expõe a análise dos resultados. A quinta (5) seção se destina às considerações finais do trabalho.

## 2 – O COMÉRCIO INTERNACIONAL E O AGRONEGÓCIO BRASILEIRO

Um simples entendimento sobre o conceito de comércio internacional pode ser compreendido como a realização de acordos e negócios além das fronteiras territoriais do país. A evolução e a participação das nações em diferentes mercados determinam os seus desempenhos comerciais e são indicadores de resultados. Através das vantagens competitivas vinculadas a múltiplos fatores como os indicadores de eficiência (custo do produto e índice de produtividade) e às inovações em produto/processo a fim de atender adequadamente às demandas por atributos específicos de qualidade exigidos pelos consumidores, os países ganham ou perdem importância no mercado (BENDER et al., 2020).

A influência do comércio exterior na economia do país está muitas vezes associada aos efeitos de transbordamentos que os segmentos exportadores apresentam quando comparados de forma análoga com os segmentos não exportadores. Cabe mencionar que tais efeitos de transbordamento dizem respeito a eventos econômicos, que acontecem em virtude de outro evento. Por exemplo, as externalidades da atividade econômica são efeitos não monetários sobre os participantes (OLIVEIRA, 2007).

Com a globalização, a partir da década de 1980, o comércio internacional se tornou primordial, e suas atribuições estão condicionadas aos governantes dos diferentes países, os quais têm consciência de que o intercâmbio de mercadorias é essencial para o crescimento econômico nacional. Visando às melhores posições no mercado mundial, eles fornecem subsídios para que novos campos de produção cresçam e evoluam, ganhando visibilidade e competitividade (LUÍS, 2017).

Logo, a competitividade pode ser definida – de acordo com o World Economic Forum (WEF) – como um conjunto de instituições políticas e fatores que determinam o nível de produtividade de um país. Também chamada de vantagem competitiva, ela pode ser absoluta ou relativa, da qual os determinantes podem estar: (i) subjacentes aos fatores, como recursos naturais e sistema judicial; (ii) intermediários aos fatores, como mercado e recursos humanos; e (iii) imediatos aos fatores, como intensidade de inovação, fluxo de informações e o nível e natureza da competição (SINGH, 2019).

A competitividade é inerente a qualquer atividade econômica, incluindo o agronegócio. Segundo Contini et al. (2006, p. 6), o agronegócio deve ser compreendido considerando toda a cadeia produtiva que o compreende. Isso quer dizer, desde a fabricação de insumos, produção e transformação até chegar ao consumo. E, nesta mencionada cadeia, estão envolvidos diversos serviços, como assistência técnica, crédito, exportação, entre outros.

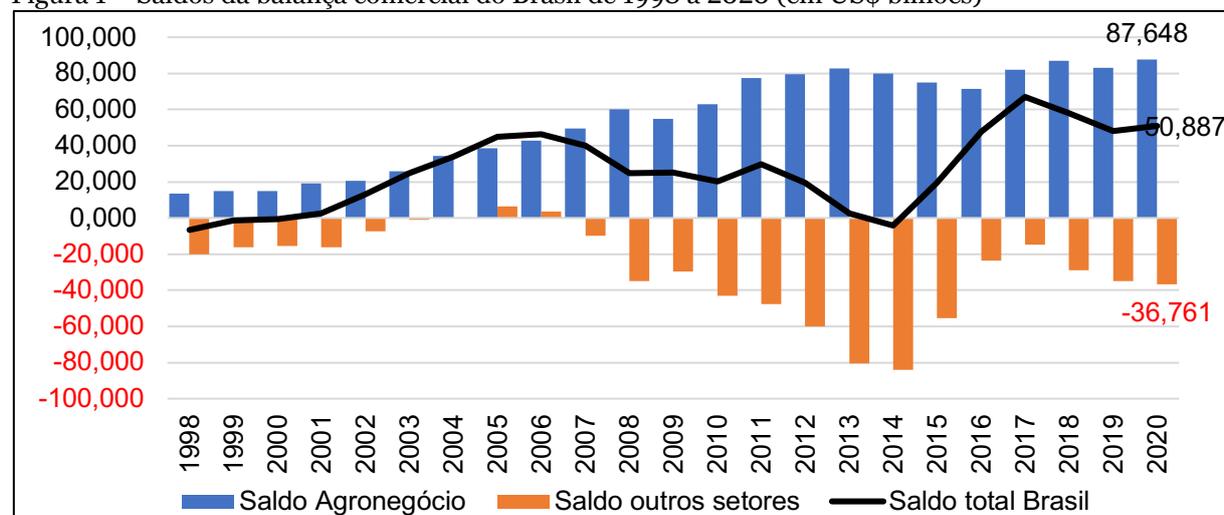
É importante perceber que o agronegócio é composto por uma enormidade de agentes, em diferentes cadeias produtivas. Desta forma, a competitividade no setor é específica ao seu produto ou subproduto, como, por exemplo, os produtores de fertilizantes não competirão com os produtores de máquinas e vice-versa. Por outro lado, a existência de diversos agentes incentiva a cooperação com o objetivo de aumentar a produtividade (SINGH, 2019).

Com o passar dos anos, o Brasil vem se destacando tanto no aumento de produtividade quanto no acréscimo das exportações de produtos agropecuários. Em uma breve análise da balança comercial, observa-se a importância das exportações destes produtos para o país. Historicamente, o Brasil tem baixo

volume de importações e elevado de exportações, resultando em saldos comerciais positivos (SANTOS et al., 2016).

Analisando a Figura 1, de 1998 a 2020, o agronegócio apresentou sistematicamente saldos positivos e crescentes na balança comercial, fechando a série com valor de US\$ 87,648 bilhões. Entre os anos de 2018 e 2019, o volume de produtos agropecuários exportado pelo Brasil cresceu 5,7% devido à produção recorde de 242 milhões de toneladas de grãos na safra 2018/2019. Embora o ano de 2020 tenha sido desafiador para as exportações brasileiras devido à pandemia e à desvalorização de 14% do real frente ao dólar, as exportações dos produtos agropecuários cresceram 10%, aumentando o faturamento em 4% em relação a 2019 (CEPEA, 2020; CEPEA, 2021).

Figura 1 – Saldos da balança comercial do Brasil de 1998 a 2020 (em US\$ bilhões)



Fonte: AgroStat (2019).

Observa-se que a exclusão do agronegócio brasileiro torna o total do saldo comercial predominantemente deficitário, com exceção de 2005 e 2006, o que indica que as importações dos demais setores da economia brasileira são superiores às exportações, o que atribui, sobremaneira, ao agronegócio brasileiro a dependência da geração de divisas para honrar os compromissos externos (SANTOS et al., 2016).

O desempenho do agronegócio brasileiro, nos últimos anos, frente ao comércio internacional, exhibe atratividade e vantagem competitiva devido a alguns aspectos como: (i) aumento produtivo e, conseqüentemente, acréscimo na oferta; (ii) desvalorização do real frente ao dólar, diminuindo o valor da mercadoria brasileira no comércio internacional; (iii) solidificação da parceria Brasil-China, já que a participação do país asiático nas exportações do setor aumentaram em 34%, superior aos 32% observados em 2019; (iv) ampliação das exportações do setor pecuário, favorecida pelo evento da peste suína nos países asiáticos, fazendo com que estas nações incrementassem as compras de carnes bovinas, suínas e de aves; (v) abertura e expansão de novos mercados, como os países da Zona do Euro em conjunto com Estados Unidos, Japão, Coreia do Sul, Vietnã, Hong Kong e Turquia, que aumentaram as importações de produtos brasileiros (CEPEA, 2021).

Mesmo consolidado no mercado internacional de produtos agropecuários, os países importadores têm exigido cada vez mais do Brasil em relação à qualidade fitossanitária dos produtos e à sustentabilidade do processo produtivo. Somado a

isto, a dinamização competitiva exige que o Brasil invista em tecnologias e inovações, também chamadas de “agricultura 4.0”. Prezar pela importância na sustentabilidade ao longo da cadeia, ou seja, valer-se de toda a tecnologia disponível, utilizando os recursos naturais de maneira inteligente com vistas a gerar o menor impacto possível, é imprescindível para o aumento de produtividade e do mercado consumidor. Porém, os altos custos tributários e a falta de infraestrutura acabam interferindo de forma negativa nos negócios brasileiros (BANKUTI, 2016; ZYBERSZTAJN, 2018; COLARES-SANTOS et al., 2020).

## 2.1 – AGRICULTURA FAMILIAR

Embora seja difícil remontar as bases históricas da agricultura familiar, no Brasil ela só passou a ganhar destaque, no meio acadêmico e político, a partir da década de 1990, quando a pressão dos produtores, sindicatos rurais e cooperativas agrícolas e de crédito, resultou no reconhecimento da sua importância para o país, lhes angariando a institucionalização do Programa de Fortalecimento da Agricultura Familiar, para fazer chegar a estes, os recursos do crédito rural (VEIGA, 1997).

Para as ciências humanas, a conceitualização de agricultura familiar alude a um modo de vida dos produtores rurais, do qual decorre uma forma de organização social, cultural, econômica, ambiental e produtiva (ABRAMOVAY, 2011). A partir da Lei nº 11.326/2006, entende-se agricultura familiar como uma forma de produção que compreende o cultivo da terra realizado por pequenos proprietários rurais, com mão de obra representada principalmente por membros do núcleo familiar, e em que a direção dos trabalhos é exercida pelo próprio produtor rural (BRASIL, 2006).

Para fins execução de políticas agrícolas e fundiárias, a referida lei afirma que: A área de terra não poderá ultrapassar quatro módulos fiscais; Utilize predominantemente mão de obra da própria família nas atividades econômicas (podendo contratar assalariados temporariamente); A renda familiar origine-se predominantemente de atividades econômicas vinculadas ao próprio estabelecimento; E, a direção da propriedade seja realizada pela própria família (ALFONSIN *et al*, 2000; VEIGA, 1997).

Historicamente, a consideração da agricultura familiar como atrasada e ineficiente e, por consequência, fonte de crises agrárias e estrangulamento ao crescimento da indústria (GUANZIROLI, *et al*, 2001, p. 16), levou o Brasil a adotar o modelo inglês da *high farming* (alta agricultura) e como tal, passando a estimular os grandes produtores (não familiares), a buscarem a alta produtividade, através da adoção de novas tecnologias (Revolução Verde), produção em escala, mão de obra assalariada e métodos racionais de produção, tal como já havia sido implantado no setor industrial (VEIGA, 1997; SCHNEIDER, 2009). Nisto, a agricultura familiar perpassou décadas sem uma política específica e substancial de apoio, sendo relegada pelo Estado e setores dominantes, a uma condição subsidiária aos interesses da exploração empresarial e do projeto de industrialização do país (ABRAMOVAY, 2011).

Após décadas, os agricultores e pecuaristas familiares alcançavam resultados sociais e econômicos expressivos. Através do trabalho familiar, inovação, pluriatividade dos sistemas produtivos e integração ao mercado afirma Abramovay (2011), não apenas sobreviveu em condições adversas e sem apoio das políticas públicas, como ocorre nos países desenvolvidos, como reforçou sua posição como

produtora de mercadorias para o mercado doméstico e internacional (GUANZIROLI, *et al*, 2001).

Marcados pela heterogeneidade, os produtores rurais familiares, apresentam-se sob condição de produtores profissionais (com empregados assalariados, grandes extensões de terras e capital para incorporar inovações tecnológicas, produzindo unicamente para a comercialização, produtores integrados (com terras e instalações trabalhando de forma integrado a uma agroindústria (suínos, aves, leite, etc.), produtores operários (com pequena extensão de terra e a falta de capital, um ou mais membros da família, exerce atividade assalariada fora da unidade produtiva) e produtores de subsistência (com pequena extensão de terra e sem capital, ainda trabalham com “facção e enxada” para sustentar a família) (ABRAMOVAY, 2011; SCHNEIDER, 2009).

Apesar da diversidade e heterogeneidade, além de garantir o emprego no campo, a agricultura familiar proporciona maior circulação de capital nos municípios e aumenta o número de empregos indiretos (BÚRIGO, 2007). Estes produtores, cada qual com suas especificidades, conforme dados preliminares do censo agropecuário de 2017, ocupam 350.253.329 hectares de terras, em 5.072.152 estabelecimentos e empregam 15.036.978 pessoas economicamente ocupadas (IBGE, 2019).

A produção dos estabelecimentos familiares, caracteriza-se pelo valor agregado, a diversificação, através da combinando culturas, criação de animais e transformações primárias (feijão, arroz, milho, mandioca, ovos, aves, suínos, leite, hortaliças, frutas, etc.) (GUANZIROLI, *et al*, 2001) e baixo custo, quando comparados aos da agricultura empresariais (requerem lucro e a renda da terra), mas que, não lhes garante necessariamente a maximização do lucro, dada imperfeição do mercado e o grau de integração do produtor ao próprio mercado (GUANZIROLI, *et al*, 2001). Neste contexto, a produção familiar é empregada para o abastecimento do mercado interno, estabilidade nos preços e a segurança alimentar da população (ARBAGE, 2012). Verifica-se, no entanto, que a produção de muitos produtores familiares, através de cooperativas, agroindústrias e empresas privadas, a jusante da sua produção, ganhou o mundo e pela exportação, contribuiu para o superávit da balança comercial brasileira.

### 3 – METODOLOGIA

Esta pesquisa foi efetuada em quatro etapas principais: a primeira, de caráter teórico e conceitual, a partir de uma revisão de literatura sobre o tema, fundamentou as análises posteriores a respeito das características que influenciam no comércio internacional com foco no agronegócio brasileiro.

A segunda etapa foi destinada à coleta de dados secundários, obtidos em fontes oficiais internacionais, qual seja: Food and Agriculture Organization (FAOSTAT, 2019). Foram considerados os 418 itens de produtos agrícolas disponíveis no banco de dados da FAOSTAT, ponderando, como escopo de análise, os valores (US\$) de importação mundial e os valores (US\$) de exportação brasileira para 2007-2009 e 2017-2019.

Após a coleta de dados, foi realizada a terceira etapa, ou seja, a organização do banco de dados e aplicação do modelo utilizado, apresentado por Fajnzylber (1991) e Mandeng (1991), no qual a participação das exportações de um país nas importações mundiais é considerada como uma medida de sua competitividade. Estes autores avaliaram a participação nas importações da Organização de

Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), de países da América Latina, Europa Oriental e do Sudeste Asiático. Algumas publicações que utilizaram o modelo podem ser acessadas: (i) considerando a análise do Brasil em 1988-99 (CARVALHO, 2002); (ii) considerando a análise do Brasil em 1999-2001 e 2009-2011 (SANTOS et al., 2016); (iii) considerando a análise do Brasil em 2005-2007 e 2015-2017 (CHRIST et al., 2021); (iv) considerando a Argentina como foco de análise entre os anos 1985-2010 (FERNÁNDEZ; CURADO, 2019).

Conforme Mandeng (1991), o modelo parte de uma equação única e é expresso como segue:

$$S_j = \sum_{i=1}^n \frac{M_{ij} M_i}{M_i M} = \sum_{i=1}^n S_{ij} S_i' \quad (1)$$

Em que:

i é um produto (ou um grupo setorial);

j é um país; e

M são as importações totais.

Neste modelo, para a análise do desempenho das exportações, são considerados os conceitos de posicionamento e eficiência. Denomina-se “Si” a participação das importações mundiais do produto “i” (Mi) nas importações mundiais totais. O posicionamento de “i” é favorável se  $\Delta Si \geq 0$  entre dois períodos, o que significa que o produto “i” manteve ou aumentou sua participação nas importações mundiais. Caso  $\Delta Si < 0$ , o posicionamento é desfavorável (CARVALHO, 2002).

Já a eficiência está relacionada com a participação relativa do país no comércio mundial de determinado produto, denominando “Sij” a participação das exportações do produto “i” pelo país “j” (Xij) nas importações mundiais do produto “i” (Mi). Se  $\Delta Sij \geq 0$ , o país tornou-se mais competitivo, isto é, apresentou alta eficiência no mercado de “i”. Se  $\Delta Sij < 0$ , o país “j” teve baixa eficiência nesse mercado (CARVALHO, 2002).

A eficiência de um país no mercado internacional enquanto exportador é determinada pelo dinamismo relativo dos produtos que exporta, sendo considerado eficiente se exportar produtos com bom posicionamento. As combinações de posicionamento dos produtos e eficiência do país levam a quatro possibilidades de inserção do país no mercado mundial (Figura 2).

Figura 2 – Matriz de competitividade

		Posição relativa do produto	
		Desfavorável (↓)	Favorável (↑)
Eficiência relativa dos países	Baixa (↓)	Situação de Retrocesso	Situação de Oportunidade Perdida
	Alta (↑)	Situação de Vulnerabilidade	Situação Ótima

Fonte: Fajnzylber (1991).

Assim, tem-se:

- i.  $\Delta S_i < 0$  e  $\Delta S_{ij} > 0$ , situação de vulnerabilidade. O produto diminui sua participação nas importações mundiais, enquanto aumenta a participação do país no seu comércio;
- ii.  $\Delta S_i < 0$  e  $\Delta S_{ij} < 0$ , situação de retrocesso. O produto diminui sua participação nas importações mundiais, enquanto diminui a participação do país no seu comércio;
- iii.  $\Delta S_i > 0$  e  $\Delta S_{ij} < 0$ , situação de oportunidade perdida. O produto aumenta sua participação nas importações mundiais, enquanto diminui a participação do país no seu comércio; e
- iv.  $\Delta S_i > 0$  e  $\Delta S_{ij} > 0$ , situação ótima. O produto aumenta sua participação nas importações mundiais, enquanto aumenta a participação do país no seu comércio.

Após a aplicação do modelo, a quarta etapa da pesquisa ocupou-se da análise dos resultados.

#### **4 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Analisando os dois últimos triênios, dispostos na Tabela 1, é possível notar um acréscimo das importações mundiais de produtos do agronegócio, passando de 6,98%, no triênio de 2007-2009, para 7,76%, no triênio de 2017-2019, aumento de 0,78 pontos percentuais. Acréscimo que também ocorreu na porcentagem de exportações brasileiras de produtos do agronegócio, saltando de 30%, no triênio de 2007-2009, para 35,40% em 2017-2019. Tem-se, aí, mais uma evidência da importância do agronegócio para o Brasil.

Conforme metodologia de Fajnzylber (1991), é possível considerar como ótima a situação brasileira na balança comercial de produtos oriundos da agropecuária de forma agregada, pois tanto a importação mundial como a exportação brasileira tiveram variação positiva ao longo do período analisado. Pode-se afirmar que o Brasil soube aproveitar a oportunidade de expansão da demanda mundial por produtos agropecuários e aumentou sua participação na exportação.

Tabela 1 – Valor das importações mundiais e exportações do Brasil, 1987-2019

		Unid.	1987-1989	1997-1999	2007-2009	2017-2019	Taxa (%) <sup>1</sup>
Mundo	Importação total	USD Mil	8.646.453	16.851.111	43.266.050	57.067.572	2,81
	Importação agrícola	USD Mil	916.702	1.368.941	3.020.709	4.428.800	3,90
	Importação Agrícola / total	%	10,60%	8,12%	6,98%	7,76%	
Brasil	Exportação total	USD Mil	94.396	152.120	511.586	683.099	2,93
	Exportação agrícola	USD Mil	26.923	45.053	153.485	241.834	4,65
	Exportação Agrícola / total	%	28,52%	29,62%	30,00%	35,40%	
	<i>Market-share</i> da agricultura	%	2,94%	3,29%	5,08%	5,46%	

<sup>1</sup> Taxa anual de crescimento entre os triênios 2007-2009 e 2017-2019

Fonte: FAOSTAT data-base (2019).

Para a análise do posicionamento dos produtos oriundos do agronegócio, adotou-se a alíquota de 2,81%, que significa a taxa de aumento na importação mundial total de produtos entre os triênios 2007-2009 e 2017-2019 exposta na Tabela 1. Logo, caso o produto apresente taxa de crescimento superior ao da alíquota no período analisado, assume-se que este está em expansão; caso seja inferior, assume-se que está em declínio. Desta forma, o agronegócio brasileiro, em valores agregados, mostrou-se em expansão, pois assumiu taxa de crescimento de 4,65%, superior, conseqüentemente, ao da alíquota de 2,81%. Alguns fatores que corroboram com esse resultado está na absorção mais rápida de novas tecnologias bem como a abertura de novos canais de comercialização (BASSO *et al.*, 2021)

Conforme a Tabela 2, dos 418 produtos classificados pela FAOSTAT, somente 94 itens da pauta exportadora brasileira (22,49% do total) estão em expansão, ou seja, apresentaram taxa de crescimento superior a 2,81%. Produtos estes que foram responsáveis pelo crescimento na demanda de produtos agropecuários no comércio internacional. Ainda que represente somente 0,81% do total importado pelo mundo no triênio 2017-2019, o item “Alimentos para crianças”, foi o que teve maior representatividade no *Market-share* das importações mundiais, e sua taxa de crescimento significou 7,20% no período analisado. Além deste item, destacam-se café torrado, produtos de tabaco, abacate e óleos essenciais. O *Market-share* dos produtos em expansão saltou de 5,58% para 10,32%, significando uma taxa de crescimento de 6,34% no período.

Tabela 2 – Participação nas Importações Agrícolas Mundiais, Itens em Expansão<sup>1</sup>, 2017-19

Item	Market-share (%)		Taxa (% a.a.)
	2007-09	2017-19	
1 Alimentos para crianças	0,40	0,81	7,20
2 Café torrado	0,46	0,76	5,11
3 Produtos de tabaco	0,29	0,59	7,15
4 Abacate	0,16	0,45	11,16
5 Óleos essenciais	0,26	0,40	4,15
89 Outros	4,00	7,32	6,22
Σ 94 Produtos em expansão	5,58	10,32	6,34

<sup>1</sup> Produto em expansão apresenta taxa de crescimento maior que o comércio mundial total (2,81% a.a.) no período 2007-09 e 2017-19.

Fonte: FAOSTAT data-base (2019).

A Tabela 3 apresenta a relação dos produtos em declínio entre o triênio 2017-2019. Do total dos itens classificados pela FAOSTAT, 324 produtos (77,51% do total exportado pelo Brasil) foram assim classificados por apresentarem taxas inferiores às da alíquota de 2,81%. O *Market-share* destes produtos caiu de 94,42% para 89,68% nas importações agrícolas mundiais, o que é um bom indicador. Entre os primeiros itens com maior participação nas importações mundiais, preparações de alimentos está em primeiro lugar e teve um crescimento de 1,58% no período comparado, ou seja, inferior à média mundial. A soja também aparece na lista dos produtos em declínio, e, apesar do seu crescimento ter sido de 1,92% entre os triênios comparados, seu desempenho também foi inferior à média.

Tabela 3 – Participação nas Importações Agrícolas Mundiais, Produtos em Declínio<sup>1</sup>, 2017-19

Item	Market-share (%)		Taxa (% a.a.)
	2007-09	2017-19	
1 Preparações de alimentos	3,97	4,64	1,58
2 Soja	3,56	4,30	1,92
3 Trigo	4,02	3,04	-2,75
4 Materiais crus	3,60	2,87	-2,23
5 Carne, gado, desossado (bovino)	2,15	2,57	1,79
319 Outros	77,12	72,25	-0,65
Σ 324 Produtos em declínio	94,42	89,68	-0,51

<sup>1</sup> Produto em declínio apresenta taxa de crescimento menor que o comércio mundial total (2,81% a.a.) no período 2007-09 e 2017-19.

Fonte: FAOSTAT data-base (2019).

Analisando a Tabela 4, nota-se que 5 produtos correspondem a 64,83% das exportações brasileiras no agronegócio. São eles: soja (35,07%); açúcar cru centrífugo (7,80%); carne de frango (7,72%); bolo de soja (7,23%); e café verde (7,01%). Esta concentração gera, no Brasil, uma dependência financeira por alguns poucos produtos. Destaca-se, neste cenário, a soja, produto que teve rápida ascensão principalmente nos países asiáticos (JANK; GUO; de MIRANDA, 2020). Segundo Hirakuri e Lazzarotto (2014), o aumento na demanda pelo grão de soja e seus derivados deve-se a quatro fatores primordiais: (i) crescimento, solidificação e estruturação do mercado internacional; (ii) importância da soja para a alimentação animal devido ao seu caráter nutricional e fonte proteica de baixo custo; (iii) expansão dos animais criados em confinamento, aumentando, conseqüentemente, a

demanda por ração; (iv) desenvolvimento tecnológico, aumentando a produtividade da cultura e barateando as despesas.

No triênio que compreende os anos de 2017-2019, o *Market-share* brasileiro em relação ao produto soja era de 44,98%, e, para açúcar refinado, de 42,09%, ou seja, 44,98% da soja comercializada no mundo era proveniente do Brasil, e, do mesmo modo, 42,09% do açúcar refinado.

Tabela 4 – Importações Agrícolas Mundiais e *Market-share* do Brasil, Total 2017-2019

Item	Mundo			Brasil			Part. X Brasil nas M do Mundo (%)
	USD	Part. (%)		USD	Part. (%)		
	Mil.	Simple	Acum.	Mil.	Simple	Acum.	
1 Soja	188.935	4,30	4,30	84.986	35,07	35,07	44,98
2 Açúcar cru centrífugo	44.943	1,02	5,33	18.916	7,80	42,87	42,09
3 Carne de frango	63.372	1,44	6,77	18.717	7,72	50,59	29,54
4 Bolo de Soja	80.879	1,84	8,61	17.526	7,23	57,83	21,67
5 Carne, gado, desossado (bovino)	112.694	2,57	11,18	16.981	7,01	64,83	15,07
Σ 413 Outros	3.899.809	88,82	100,00	85.232	35,17	100,00	2,19
Total Agrícola	4.390.633	100,00		242.357	100,00		5,52
Total Geral	57.067.572			683.099			1,20

Fonte: FAOSTAT data-base (2019).

Do total das importações agrícolas do mundo no triênio 2017-2019, ou seja, USD 4.390.633 milhões, 5,52% tiveram origem nas exportações brasileiras. Considerando o total geral das importações mundiais (US\$ 57.067.572 milhões), o Brasil teve participação de apenas 1,20%. Os três principais itens da pauta exportadora brasileira, considerando a variável valor (USD) e participação deles nas importações mundiais, foram: soja, açúcar cru centrífugo, carne de frango, bolo de soja e carne, gado desossado (bovino).

Além de ser o principal item na pauta exportadora brasileira, representando 35,07% do total exportado pelo Brasil, no período 2017-2019, a soja foi também o segundo item mais importado no mundo, no mesmo período (representou 1,12% do total importado no mundo). Deste total, 44,98% das exportações tiveram origem o Brasil no triênio.

A competitividade da soja brasileira no comércio internacional foi evidenciada em outros trabalhos, como os de Bender *et al.*, 2020 e Cerquetani *et al.*, 2020, expondo que, ao longo do tempo, o país apresentou vantagem competitiva em sua produção e exportação, ganhando participação de mercado não só no grão mas em todo o complexo soja, como óleo, molho e bolo de soja, produtos estes mais valorizados economicamente.

#### 4.1 – CLASSIFICAÇÃO SEGUNDO A METODOLOGIA DE FAJNZYLBER

Dentre os 418 produtos analisados, 102 foram classificados em situação de vulnerabilidade segundo metodologia de Fajnzylber (1991) (Tabela 5). Eles representam 24,40% do total e correspondem àqueles produtos que tiveram redução na participação das importações mundiais, porém aumentaram o *Market-share*

brasileiro, como o açúcar cru centrífugo, a polpa de fruta, o bolo de soja, o óleo de amendoim e a carne de porco. Isto não significa necessariamente que estes produtos sofreram redução nas importações mundiais, apenas que a participação nas importações diminuiu. A polpa de fruta, por exemplo, teve queda de 0,01 ponto percentual, porém o Market-share brasileiro sobre o produto aumentou 22,72 pontos percentuais entre os triênios de 2007-2009 e 2017-2019.

Tabela 5 – Exportações Agrícolas Brasileiras, Produtos em Situação de Vulnerabilidade<sup>1</sup>

Item	Part. do produto nas impo. mundiais (%)		Market Share do Brasil nas impo. mundiais (%)		Part. nas expo. do Brasil (%)	Δ Taxa (%)
	2007-09	2017-19	2007-09	2017-19	2017-19	
1 Açúcar cru centrífugo	0,28	0,27	39,61	42,09	7,80	4,02
2 Polpa de fruta	0,01	0,00	32,80	55,52	0,11	-0,79
3 Bolo de Soja	0,59	0,48	17,66	21,67	7,23	3,94
4 Óleo de amendoim	0,01	0,01	8,54	15,03	0,08	8,58
5 Carne de porco	0,36	0,29	7,47	7,85	1,60	2,26
97 Outros	5,47	4,74	0,00	3,03	10,04	12,16
Σ 102 vulnerabilidade	6,73	5,79	4,67	6,64	26,86	6,14

<sup>1</sup> Alta eficiência (↑) do país com posição (↓) desfavorável do produto no período 2007-09 e 2017-19. Fonte: FAOSTAT data-base (2019).

Visando à competitividade internacional, países que analisam o dinamismo e as tendências do mercado adaptam de maneira mais satisfatória as produções e exportações dos produtos. Observando a Tabela 6, 87 produtos foram classificados em situação de retrocesso, significando que eles apresentaram diminuição na participação nas importações mundiais e, ao mesmo tempo, diminuição no Market-share brasileiro. Quanto ao café (item ranqueado na 5<sup>o</sup> posição da Tabela), estudo elaborado por Lucena, Sousa e Coronel (2020), além de mostrar a importância do café para o agronegócio brasileiro, indica o desempenho dos principais estados exportadores de café.

Tabela 6 – Exportações Agrícolas Brasileiras, Produtos em Situação de Retrocesso<sup>1</sup>

Item	Part. do produto nas impo. mundiais (%)		Market Share do Brasil nas impo. mundiais (%)		Part. nas expo. do Brasil (%)	Δ Taxa (%)
	2007-09	2017-19	2007-09	2017-19	2017-19	
1 Carne, secas	0,02	0,02	55,02	32,80	0,36	-5,09
2 Carne, preparações	0,05	0,04	37,23	25,01	0,67	-2,99
3 Carne de frango	0,41	0,37	31,55	29,54	7,72	2,34
4 Tabaco não manufaturado	0,27	0,21	25,25	16,56	2,45	-2,77
5 Café verde	0,40	0,37	24,45	21,81	5,58	1,85
82 Outros	33,80	32,51	0,58	0,27	6,13	-3,98
Σ 87 Retrocesso	34,96	33,51	1,50	0,98	22,91	-0,76

<sup>1</sup> Baixa eficiência (↓) do país com posição (↓) desfavorável do produto no período 2007-09 e 2017-19. Fonte: FAOSTAT data-base (2019).

Ao todo, 157 produtos foram classificados como situação ótima, indicado, na Tabela 7, com destaque a soja, a farinha de mandioca, a pimenta, as miudezas/comestíveis/gado e as colheitas de fibras. A farinha de mandioca, produto originariamente brasileiro, e a soja aumentaram o Market-share do Brasil em 47,21 e 15,48 pontos percentuais entre os triênios de 2007-2009 e 2017-2019.

Tabela 7 – Exportações Agrícolas Brasileiras, Produtos em Situação Ótima<sup>1</sup>

Item	Part. do produto nas impo. mundiais (%)		Market Share do Brasil nas impo. mundiais (%)		Part. nas expo. do Brasil (%)	Δ Taxa (%)
	2007-09	2017-19	2007-09	2017-19	2017-19	
1 Soja	0,93	1,12	29,50	44,98	35,07	10,46
2 Farinha de mandioca	0,00	0,00	17,05	64,26	0,02	22,81
3 Pimenta	0,03	0,03	10,63	11,29	0,27	7,42
4 Miudezas, comestíveis, gado	0,06	0,07	7,66	9,05	0,47	8,69
5 Colheitas de fibra	0,00	0,01	7,25	7,47	0,05	15,90
152 Outros	2,46	3,18	0,70	0,98	2,18	10,39
Σ 157 Ótima	3,48	4,41	8,61	12,35	38,05	10,42

<sup>1</sup> Alta eficiência (↑) do país com posição (↑) favorável do produto no período 2007-09 e 2017-19. Fonte: FAOSTAT data-base (2019).

A última análise classificou 72 produtos em situação de oportunidade perdida (Tabela 8), ou seja, produtos que aumentaram a participação nas importações mundiais, porém apresentaram redução no Market-share brasileiro. Este grupo representou 12,18% das exportações agrícolas brasileiras. O suco de laranja concentrado, por exemplo, apresentou, entre os triênios de 2007-2009 e 2017-2019, aumento de 0,02 pontos percentuais nas importações mundiais, contudo, apresentou diminuição de 42,37 pontos percentuais no Market-share do Brasil. O acréscimo na participação das exportações desses produtos representaria uma ampliação no posicionamento do Brasil no comércio mundial. Destarte, este grupo pode significar um reposicionamento das exportações brasileiras, e, considerando o aumento da demanda das importações, o caminho a ser feito é sair de oportunidade perdida para mais representatividade destes produtos no comércio mundial.

Tabela 8 – Exportações Agrícolas Brasileiras, Produtos em Situação de Oportunidade Perdida<sup>1</sup>

Item	Part. do produto nas impo. mundiais (%)		Market Share do Brasil nas impo. mundiais (%)		Part. nas expo. do Brasil (%)	Δ Taxa (%)
	2007-09	2017-19	2007-09	2017-19	2017-19	
1 Caqui	0,00	0,01	627,28	0,13	0,00	-16,58
2 Suco de laranja concentrado	0,03	0,05	94,81	52,44	1,86	2,89
3 Mate	0,00	0,00	53,15	40,98	0,10	6,95
4 Ovos, outra ave, com casca	0,00	0,01	25,02	0,02	0,00	-44,23
5 Carne, gado, desossado (bovino)	0,56	0,67	16,31	15,07	7,01	4,93
67 Outros	54,23	55,55	118,67	47,49	3,21	-0,98
Σ 72 Oportunidade perdida	54,83	56,28	0,02	0,01	12,18	2,66

<sup>1</sup> Baixa eficiência (↓) do país com posição (↑) favorável do produto no período 2007-09 e 2017-19. Fonte: FAOSTAT data-base (2019).

Observando a Tabela 9, o Brasil, de maneira geral, está bem inserido no mercado internacional de produtos agropecuários, pois apresenta 37,56% dos 418 produtos analisados, em situação ótima, significando que o país, está compreendendo satisfatoriamente a oscilação do mercado mundial, aproveitando adequadamente as oportunidades oferecidas e aumentando o Market-share da maioria relativa dos produtos estudados.

Tabela 9 – A inserção do agronegócio brasileiro no comércio internacional (2017-19)

Situação	Nº Produtos	%	Total do triênio (2017-19) USD Mil	%
Retrocesso	87	20,81	55.526.792	22,91
Vulnerabilidade	102	24,40	65.103.011	26,86
Oportunidade Perdida	72	17,22	29.516.713	12,18
Ótima	157	37,56	92.210.705	38,05
Total $\Sigma$	418	100,00	242.357.221	100,00

Fonte: dados da pesquisa (2021).

Carvalho (2002), que utilizou a mesma metodologia para analisar o desempenho do agronegócio brasileiro na década de 1990, indicou que o Brasil estava em situação de vulnerabilidade (63,72% do valor exportado estava nesta classificação). Segundo a autora, este resultado foi motivado pelo aumento de competitividade nesse mercado. Já os itens em situação de retrocesso aumentaram significativamente, de 15,28% em 1997-1999 (CARVALHO, 2002) para 22,91% no período analisado (2017-2019). Este é um sinal de alerta, visto que estes itens são classificados segundo a matriz de competitividade considerando tanto o aumento da eficiência do país exportador quanto a diminuição das importações, ou seja, vai ao contrário da demanda mundial.

Respondendo à pergunta que norteou este estudo, constatou-se que a inserção internacional do agronegócio brasileiro entre os triênios 2007-2009 e 2017-2019 está em situação ótima, visto que 38,05% dos produtos exportados pelo Brasil (considerando a variável valor US\$), além da posição relativa do produto importado ser favorável, ou seja, aumentar o consumo nas importações mundiais, a eficiência relativa do país exportador do produto também é alta, ou seja, o Market-share das exportações do produto brasileiro aumentaram no período analisado.

Porém, comparando os resultados recentes de Santos et al. (2016), que verificaram os triênios 1999-2001 e 2009-2011, e Christ et al. (2021), que compararam os triênios 2005-2007 e 2015-2017, foi possível perceber uma queda dos itens inseridos na posição ótima, pois ambos demonstraram que o agronegócio brasileiro teve uma melhora no desempenho, sendo que a maioria dos produtos foram classificados em situação ótima, de 59,89% e 46,51%, respectivamente, indicando a competitividade dos produtos agrícolas brasileiros no contexto internacional.

Não obstante a isso, são fundamentais ações visando à diversificação da pauta exportadora brasileira devido à elevada concentração de um único produto (soja) representar 32,65% do total dos itens exportados pelo país em 2017-2019. Ainda nesta perspectiva, as exportações brasileiras dessa commodity também significaram 44,98% do total importado pelo mundo no período. Produto este (soja) que está em declínio, ou seja, sua taxa de crescimento (1,92%) foi inferior à taxa de crescimento do comércio mundial (2,81%) no período analisado.

Já as oportunidades perdidas representaram 12,18% do valor (US\$) total das exportações brasileiras, isto é, posição favorável do produto (aumento do consumo nas importações mundiais) com a combinação da baixa eficiência do país (diminuição do Market-share do país nas exportações do produto). Um produto que chama atenção nesta situação é o suco de laranja concentrado, que teve um crescimento na demanda mundial (importação), no entanto, o Brasil perdeu mercado nas exportações, visto que o produto representou 1,73% do total (US\$) exportado entre 2017-19 e 52,44% do total de suco de laranja concentrado importado no mundo teve origem a indústria brasileira. Pensar em estratégias com foco em resgatar os produtos nesta situação, ou seja, aumentar a eficiência relativa destes itens na pauta exportadora brasileira é muito pertinente para o desenvolvimento da competitividade do país.

Evidente que diversificar a pauta exportadora não é uma tarefa trivial. É preciso melhorar a produtividade brasileira, melhorar os mecanismos de valor (cooperação com outros atores e outros países, por exemplo), organizações precisam de um ecossistema favorável para o crescimento, um sistema econômico mais igualitário. Neste sentido, é preciso aumentar a sofisticação produtiva, com melhor tecnologia, pois a pauta exportadora é o cartão de visita do sistema produtivo do país, é como ele é apresentado ao mundo, é com a pauta de exportação que se agrega valor com o aquilo que é produzido em outras nações (GALA; RONCAGLIA, 2020).

Ainda que não exista resultado a curto prazo no comércio exterior, o período analisado pode apontar rumos para o futuro, visto que a metodologia proposta neste estudo permite relacionar tanto a participação da pauta exportadora do país quanto o consumo dos itens importado pelo mundo. Compete aos tomadores de decisões, ao Estado e demais envolvidos, entender o comportamento do consumo de alimentos (ou do agronegócio) para investir em produtos em expansão e, com isso, melhorar a competitividade do país.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo pretendeu responder ao seguinte questionamento: Como o agronegócio brasileiro está inserido no comércio internacional? Para isto, os 418 produtos agrícolas disponibilizados no banco de dados da Food and Agriculture Organization of the United Nations (FAOSTAT) foram classificados por meio da metodologia proposta por Fajnzylber e Mandeng, considerando os triênios 2007-2009 e 2017-2019. Embora os resultados tenham mostrado que a inserção do agronegócio brasileiro, em sua maioria, está em situação ótima (38,05% do valor exportado total está nesta classificação), considerando a variável valor exportado (US\$), o desempenho decresceu em comparação com os outros períodos analisados por outros autores. O que significa um sinal de alerta, tanto para o governo, que deve pensar e executar políticas de fomento para o setor, quanto para a indústria, que trabalha neste mercado.

Considerando o agregado dos produtos exportados do agronegócio, pode-se afirmar que a situação do Brasil está avançando, ainda que de forma tímida, pois aumentou sua participação no comércio mundial, passando de 5,08%, na média do triênio 2007-2009, para 5,46%, em 2017-2019, uma vez que a importação de produtos agropecuários também teve um aumento no período, passando de 6,98% para 7,76%.

Entre outras preocupações, está a falta de diversificação da pauta exportadora brasileira. Dos 418 itens comercializados no mundo, entre 2017-2019,

o Brasil registrou exportação em apenas 301, além do que os três primeiros itens mais exportados pelo Brasil representam mais de 50% do valor total exportado em USD. Salvo as dimensões, os três primeiros itens com maior representatividade no Market-share das importações mundiais representam, juntos, 11,99%. A soja tem tido destaque nesse cenário, pois foi o segundo item mais importado pelo mundo, no período, e o Brasil teve 44,98% de participação enquanto fornecedor deste item.

A diversificação da pauta exportadora é uma estratégia assertiva, sendo esta (a diversificação) a meta e medida ao desenvolvimento. A máxima “colocar todos os ovos na mesma cesta” apresenta um risco e nunca foi tão verdadeira. No entanto, diversificar por diversificar não é um caminho adequado. Metodologias como a proposta por Fajnzylber e Mandeng permitem ter uma leitura do cenário e, a partir destes estudos, pensar, planejar e deliberar uma política adequada para o país e para o mercado, especialmente o agronegócio.

A limitação do trabalho está no fornecimento de dados, sabendo que as informações disponibilizadas pela Food And Agriculture Organization of The United Nations são de 2019. Não obstante a isso, sugere-se, para trabalhos futuros, analisar o comportamento dos produtos agropecuários brasileiros nos próximos anos, durante e pós-pandemia, ou mesmo, comparando governos e seus ministérios. Logo, ampliar e replicar a metodologia voltada à competitividade brasileira no comércio internacional agrícola favorecerá a criação de políticas públicas adequadas às realidades locais e atuais.

## REFERÊNCIAS

AGROSTAT: **Estatísticas de Comércio Exterior do Agronegócio Brasileiro**. Disponível em: <http://sistemasweb.agricultura.gov.br/pages/AGROSTAT.html>. Acesso em: 20 abr. 2021.

AMORIM, G. S.; WEBER, C.; COSTA, N. L.; CORONEL, D. A. **Cadeias globais de valor: a inserção do agronegócio brasileiro**. IX Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Regional. Anais. Santa Cruz do Sul: Universidade de Santa Cruz do Sul, 2019. Disponível em: <https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidr/article/view/19174/1192612407>. Acesso em: 23 mar. 2021.

BANKUTI, S. M. S. Differentiated agrifood systems (DAS): organizational arrangements for small and mid-sized farmers. **In: 2º Simpósio internacional em agronegócio e desenvolvimento**, v. 2, 2016.

BASSO, D.; TRENNEPOHL, D.; VIEIRA, E. L.; MUENCHEN, J. V. A DINÂMICA DE OCUPAÇÃO DO ESPAÇO NATURAL PELO PROCESSO DE EXPANSÃO DA SOJICULTURA NO BRASIL The dynamics of occupation of the natural area by the process of expansion of soyiculture in Brazil. **Informe GEPEC**, [S. l.], v. 25, n. 1, p. 164–184, 2021. DOI: 10.48075/igepec.v25i1.25405. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/gepec/article/view/25405>. Acesso em: 9 nov. 2021.

BENDER, R. G.; PLATT, G. M.; LEONARDI, A.; ESPINDOLA, J. S. **COMPETITIVIDADE DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE DERIVADOS DE SOJA PELO MODELO DE CONSTANT MARKET SHARE**. In: Anais do 58º Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e

Sociologia Rural (SOBER), 26 a 28 de outubro de 2020, Foz do Iguaçu-PR: Cooperativismo, inovação e sustentabilidade para o desenvolvimento rural. Anais...Foz do Iguaçu (PR) UNIOESTE, 2020. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/sober2020/253725-competitividade-das-exportacoes-brasileiras-de-derivados-de-soja-pelo-modelo-de-constant-market-share/>. Acesso em: 20 abr. 2021.

BRANDÃO, J. B.; CONCEIÇÃO, J. C. P. R. Desafios da inserção competitiva internacional. In: VIEIRA FILHO, J. E. R. (Ed.). **Diagnóstico e desafios da agricultura brasileira**. Rio de Janeiro: IPEA, 2019. p. 116-134.

BRANDÃO, J. B.; VIEIRA FILHO, J. E. R. COMÉRCIO INTERNACIONAL BRASILEIRO: **ANÁLISE DA AGENDA GOVERNAMENTAL NOS ANOS 2017/2018**. In: Anais do 58º Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural (SOBER), 26 a 28 de outubro de 2020, Foz do Iguaçu-PR: Cooperativismo, inovação e sustentabilidade para o desenvolvimento rural. Anais...Foz do Iguaçu (PR) UNIOESTE, 2020. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/sober2020/250776-comercio-internacional-brasileiro--analise-da-agenda-governamental-nos-anos-20172018/Ace>. Acesso em: 20 abr. 2021.

CARVALHO, M. A. Comércio agrícola e vulnerabilidade externa brasileira. **Agricultura em São Paulo (Cessou em 2006. Cont. ISSN 1981-4771 Revista de Economia Agrícola)**, v. 49, n. 2, p. 55–69, 2002.

CEPEA – CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM ECONOMIA APLICADA-ESALQ/USP. **EXPORTAÇÃO DO AGRONEGÓCIO, 2019**. Disponível em: [https://www.cepea.esalq.usp.br/upload/kceditor/files/Cepea\\_ExportAgro\\_2019\\_\(1\).pdf](https://www.cepea.esalq.usp.br/upload/kceditor/files/Cepea_ExportAgro_2019_(1).pdf). Acesso em: 28 mar. 2021.

CEPEA – CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM ECONOMIA APLICADA-ESALQ/USP. **Índice de Exportação, 2020**. Disponível em: [https://www.cepea.esalq.usp.br/upload/kceditor/files/Cepea\\_ExportAgro\\_3\\_tri\\_mestre\\_2020\(1\).pdf](https://www.cepea.esalq.usp.br/upload/kceditor/files/Cepea_ExportAgro_3_tri_mestre_2020(1).pdf). Acesso em: 23 mar. 2021.

CERQUETANI, A. K.; MARCHEZINI, A. R.; MONTEBELLO, A. E. S. **COMPETITIVIDADE DA SOJA BRASILEIRA EM GRÃOS NO MERCADO INTERNACIONAL**. In: Anais do 58º Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural (SOBER), 26 a 28 de outubro de 2020, Foz do Iguaçu-PR: Cooperativismo, inovação e sustentabilidade para o desenvolvimento rural. Anais...Foz do Iguaçu (PR) UNIOESTE, 2020. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/sober2020/245946-competitividade-da-soja-brasileira-em-graos-no-mercado-internacional/>. Acesso em: 20 abr. 2021.

CHRIST, G. D.; STRAUCH, A. G. N.; SANTOS, L. P. SHIKIDA, P. F. A. The competitiveness of Brazilian agribusiness in international trade. **Revista de Política Agrícola**, v. 30, n. 4, p. 122–139, 2021.

COLARES-SANTOS, L.; GUIMARÃES, A. F.; SCHIAVI, S. M. de A.; IVANTES, I.; SOUZA, J. P. de. CERTIFICAÇÃO E MARCA NAS TRANSAÇÕES ENTRE

VAREJISTAS E DISTRIBUIDORES DE CARNES ESPECIAIS. **Informe GEPEC**, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 9–26, 2020. DOI: 10.48075/igepec.v24i1.22624. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/gepec/article/view/22624>. Acesso em: 10 nov. 2021.

CONTINI, E.; GASQUES, J. G.; LEONARDI, R. B. A.; BASTOS, E. T. Evolução recente e tendências do agronegócio. **Revista Política Agrícola**, v. 15, n. 1, p. 5-28, 2006.

FAJNZYLBBER, F. International insertion and institutional renewal. **CEPAL Review**, v. 44, p. 137–166, 1991.

FAOSTAT DATABASE. **Crops and livestock products**. Disponível em: <http://www.fao.org/faostat/en/#data/TP>. Acesso em: 9 mar. 2021.

FERNÁNDEZ, V. L.; CURADO, M. L. La matriz de competitividad argentina: evolución de la inserción internacional del país ante la controversia de los recursos naturales. **Revista de la CEPAL**, v. 2019, n. 127, p. 75–100, 2019.

GALA, P.; RONCAGLIA, A. **Brasil, uma economia que não aprende: novas perspectivas para entender nosso fracasso**. 1. ed. São Paulo: Edição do Autor, 2020.

HIRAKURI, M. H.; LAZZAROTTO, J. J. **O agronegócio da soja nos contextos mundial e brasileiro**. Londrina: Embrapa Soja, 2014.

JANK, M. S.; GUO, P.; de MIRANDA, S. H. G. **China-Brazil: partnership on agriculture and food security**. Piracicaba: ESALQ/USP, 2020.

LUCENA, M. A.; SOUSA, E. P.; CORONEL, D. A. **DESEMPENHO DOS PRINCIPAIS ESTADOS BRASILEIROS EXPORTADORES DE CAFÉ**. In: Anais do 58º Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural (SOBER), 26 a 28 de outubro de 2020, Foz do Iguaçu-PR: Cooperativismo, inovação e sustentabilidade para o desenvolvimento rural. Anais...Foz do Iguaçu (PR) UNIOESTE, 2020. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/sober2020/246370-desempenho-dos-principais-estados-brasileiros-exportadores-de-caffe/>. Acesso em: 20 abr. 2021.

LUÍS, V. R. O comércio Internacional. **IX SINTAGRO**, v. 8, n. 3, p. 143–156, 2017. MANDENG, O. Competitividad internacional y especialización. In: **Revista de la CEPAL, N° 45 (LC/G.4687-P)**. Santiago: Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL), 1991. v. 45p. 25–42.

OECD/Food and Agriculture Organization of the United Nations (2015), **OECD-FAO Agricultural Outlook 2015**, OECD Publishing, Paris. Disponível em: [http://dx.doi.org/10.1787/agr\\_outlook-2015-en](http://dx.doi.org/10.1787/agr_outlook-2015-en). Acesso em: 31 mar. 2021.

OLIVEIRA, M. A. S. **Aumento da oferta e redução de impostos nos serviços de infraestrutura na economia brasileira: uma abordagem de equilíbrio geral**. Viçosa, MG: Universidade Federal de Viçosa, 2007.

ONU. **Transforming our world: the 2030 Agenda for Sustainable Development** General Assembly. Nova Iorque: A/RES/70/1: [s.n.]. Disponível em: <https://undocs.org/en/A/70/L.1>. Acesso em: 23 mar. 2021.

SANTOS, L. P.; AVELAR, J. M. B.; SHIKIDA, P. F. A.; CARVALHO, M. A. Agronegócio brasileiro no comércio internacional. **Revista de Ciências Agrárias**, v. 39, n. 1, p. 54–69, 2016.

SINGH, S. Examining Global Competitiveness of Indian Agribusiness in the Twenty-first-century Asian Context: **Opportunities and Challenges**. Sage, v. 3, p. 299–321, 2019.

VIEIRA, A. C. P.; LUNAS, D. A. L. **NOVOS DESAFIOS DE COMPETITIVIDADE NO MERCADO INTERNACIONAL PARA O AGRONEGÓCIO BRASILEIRO**. In: Anais do 58º Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural (SOBER), 26 a 28 de outubro de 2020, Foz do Iguaçu-PR: Cooperativismo, inovação e sustentabilidade para o desenvolvimento rural. Anais...Foz do Iguaçu (PR) UNIOESTE, 2020. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/sober2020/249509-novos-desafios-de-competitividade-no-mercado-internacional-para-o-agronegocio-brasileiro/>. Acesso em: 20 abr. 2021.

ZYBERSZTAJN, D. Measurement costs and governance: bridging perspectives of Transaction Cost Economics. **Caderno de Administração**, v. 26, n. 1, 2018. [res/article/>](#). Acesso: 17. mar. 2019.

Submetido em 12/11/2021.  
Aprovado em 20/05/2022.